



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
DA EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**MARIA DELFINA CARVALHO RODRIGUES**

**A literatura no ensino da leitura no 2º ciclo do Ensino Fundamental**

**ABAETETUBA**

**2018**

**MARIA DELFINA CARVALHO RODRIGUES**

**A literatura no ensino da leitura no 2º ciclo do Ensino Fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Universidade Federal do Pará para a  
obtenção do título de Graduada em Letras.  
Orientador: Prof. Dr. Augusto Sarmiento

**ABAETETUBA**

**2018**

*Dedico este trabalho à minha família, em especial aos meus pais (in memoriam), que dispuseram de seus esforços incansavelmente na minha caminhada de estudante que resultou no meu ingresso no espaço acadêmico.*

## Agradecimentos

É indispensável para a escrita deste texto a realização de um agradecimento fiel a Deus, Senhor de toda sabedoria. Sempre que me encontrei com dificuldades e desanimada a enfrentar os desafios dessa jornada, o Senhor me deu sabedoria, agiu em minha vida e me conduziu até a vitória. Portanto, meu Deus, muito obrigada por ter-me possibilitado trilhar o caminho da conquista. Toda honra e glória seja para ti, Senhor!

A partir de agora, realizarei agradecimento aos meus alicerces terrenos, como o meu pai Graciliano Soares Rodrigues (*in memoriam*) e a minha mãe Benedita Araújo de Carvalho (*in memoriam*), que incansavelmente lutaram e trabalharam para que eu me tornasse uma pessoa de caráter e boa índole.

Ao meu filho Denis, por inúmeras vezes ter disposto de seu tempo para me ajudar a chegar até a UFPA: você não imagina o quanto me ajudou nessa empreitada.

Aos meus outros filhos e filhas, às minhas noras, aos meus genros, aos meus netos e netas, quero agradecer porque estiveram comigo na comemoração de ingresso à universidade e pelo incentivo que me deram durante o curso.

Jair, você foi tão importante nessa minha trajetória, dando-me apoio moral quando muitas vezes precisei; você acreditou que eu era capaz de vencer todos os obstáculos que encontraria no caminho. A você, minha eterna gratidão!

Agradeço também à minha amiga e colega de turma Lucinha, que muitas vezes no curso me ajudou a entender assuntos complicados. Por isso, o meu sincero obrigado.

Faço agora também um agradecimento ao meu orientador, prof. Dr. Augusto Sarmiento, que me auxiliou nesse trabalho de conclusão de curso, além de ter me conduzido a construir um trabalho autêntico.

Também não poderia me esquecer de agradecer aos meus amigos e amigas com quem pude dividir a alegria de ter ingressado na universidade pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) e concluído o curso de Licenciatura em Letras.

## Resumo

Este trabalho tem como intuito abordar a importância da literatura na prática de leitura. Busca ainda demonstrar a relevância que a escola tem para que o aluno desenvolva a prática da leitura.

O ato de ler está presente em todos os lugares da sociedade. Dessa maneira, é necessário entendermos alguns fatores que podem interferir na formação de leitores competentes. Portanto, nesse estudo, vamos ressaltar algumas ideias e perspectivas em relação à leitura, levando em consideração a importância de incentivá-la para que esta deixe de ser tratada por muitos como algo desinteressante.

O presente estudo, segundo a natureza dos dados, é caracterizado como uma pesquisa bibliográfica e qualitativa.

**Palavras-chave:** Literatura, leitura, ensino-aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This work aims to address the importance of literature in reading practice. It also seeks to demonstrate the relevance that the school has for the student to develop reading practice.

The act of reading is present everywhere in society. In this way, it is necessary to understand some factors that can interfere in the formation of competent readers. Therefore, in this study, we will highlight some ideas and perspectives regarding reading, taking into account the importance of encouraging it to cease being treated by many as something uninteresting.

The present study, according to the nature of the data, is characterized as a bibliographical and qualitative research.

**Keywords:** Literature, reading, teaching-learning.

## SUMÁRIO

Introdução.....	08
Capítulo I - Pressupostos Teóricos.....	11
1.1. Definição de literatura.....	11
1.2. Um olhar sobre a formação da leitura no Brasil.....	12
1.3. O ato de ler.....	16
Capítulo II - A prática da leitura no ambiente escolar.....	21
2.1. A literatura e seus potenciais para o ensino.....	21
2.2. A relação entre a leitura e literatura .....	25
2.3. A literatura na prática da leitura.....	28
Capítulo III – Uma proposta de prática de leitura na escola.....	33
3.1 . Sugestão de oficina de leitura.....	33
Conclusão.....	45
Referências Bibliográficas.....	46
Anexos.....	47

## INTRODUÇÃO

Podemos considerar que a literatura é capaz de aperfeiçoar o raciocínio humano, de modo a facilitar a percepção e solução dos conflitos internos do indivíduo. No que diz respeito à literatura, é relevante destacar que já se tem diversificados livros direcionados às crianças e aos adolescentes. No entanto, o mercado tecnológico tem intensificado o investimento em diferenciados instrumentos de leitura, para atrair principalmente esse público que tem se deslumbrado por esses novos recursos de leitura. A situação gera o deslocamento da leitura escolarizada para a leitura mediada pelos meios tecnológicos, mudando consideravelmente os procedimentos de leitura dentro da escola, a qual deveria ser o espaço de maior incentivo dos textos literários junto aos leitores principiantes.

Foi a partir desse contexto que nasceu o desafio para desenvolvermos este projeto de pesquisa, ou seja, a intenção de comprovar a importância da literatura no desenvolvimento intelectual dos alunos.

Diante desse desafio, surgiu a necessidade de se realizar um trabalho com o intuito de sugerir atividades que despertem no educando o interesse pela prática da leitura utilizando textos literários, para que melhor desenvolvam a imaginação e a criatividade. A Literatura Brasileira, com seus textos riquíssimos de conteúdo, tem muito a oferecer para esse público. Pode potencializar o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para um melhor desenvolvimento cognitivo dos alunos e para a melhoria dos índices de qualidade de ensino.

A ideia de trabalhar com textos literários no ensino da leitura surgiu muito antes de iniciar esta pesquisa. No percurso de minha carreira de professora, ao lidar com as dificuldades dos alunos em fazer uma leitura crítica ou de interpretar os textos que liam e principalmente não demonstrarem gosto pela leitura, foi manifestando-se em mim uma preocupação sobre o que poderia ser feito para ajudar esses alunos e, assim, contribuir para melhorar essa situação. Depois de alguns anos, ingressei no Curso de Letras da UFPA. Meus horizontes foram se ampliando e no ano de 2016, quando trabalhei em uma escola municipal no 2º ciclo do Ensino Fundamental, notei que, mesmo com a precariedade do material didático, a ausência de uma biblioteca adequada que atenda o aluno de forma eficiente com incentivos e projetos de leitura, analisando ainda o quanto nós, professores, usamos fielmente o livro didático, como se este fosse o único recurso de ensino, não o desmerecendo,

contudo, se entende que existem outros meios que também pode-se lançar mão para trabalhar a leitura, como, por exemplo, os livros literários. Propus-me a realizar uma experiência com meus alunos, usando textos literários – contos, músicas, poemas, lendas regionais – como recursos didáticos. Tanto nas aulas de Língua Portuguesa quanto na de Literatura, o desempenho dos alunos foi satisfatório. No final do 1º semestre, realizamos um sarau literário, no qual os alunos utilizaram os textos trabalhados para as apresentações. No 2º semestre, foi dada continuidade ao projeto e os resultados foram ainda melhores. Os alunos tiveram melhor desempenho e mais facilidade na leitura e no ensino-aprendizagem, tiveram maior interesse em realizar os desafios propostos, e ainda melhorou o relacionamento entre os alunos. No final do ano letivo, foram um sucesso as apresentações teatrais das equipes.

A partir dessa primeira experiência, aumentou o meu anseio em comprovar, por meio de pesquisa embasada em ideias teóricas, que o uso de textos literários no ensino de leitura de forma contextualizada poderá ser um instrumento inovador, proporcionando ao educando uma melhor compreensão de mundo. Foi com esse intuito que se propôs a realização desse trabalho com o objetivo de discutir a importância da leitura para a formação social, assim como fazer referência às potencialidades da literatura no ensino, identificando-a como instrumento de ensino de leitura. Entende-se que na educação é preciso ampliar a prática de ideias inovadoras.

Portanto, o desenvolvimento deste estudo consiste em pesquisa *bibliográfica e qualitativa* de caráter exploratório e aplicado, que visa não só estabelecer relações entre o ensino da leitura e a literatura, mas também propor atividades que despertem o gosto pela leitura por meio de textos literários, de forma que promova possibilidades de uma nova de realidade.

A planificação da pesquisa incluiu em primeiro lugar a coleta de dados bibliográficos, seleção, organização, leitura e fichamento desse material, bem como a discussão sobre as ideias teóricas e propostas metodológicas. No segundo momento, o estudo de caso e análise dos dados. No terceiro momento, produção de um projeto de leitura como atividade pedagógica. Em um quarto momento, aplicação dessa oficina.

Conclui-se a pesquisa com a apresentação dos resultados qualitativos, acompanhado de análise direcionada ao contexto que configura o objeto de estudo,

de modo que se cumpra o papel científico deste projeto no sentido de alcançar os objetivos propostos.

O presente trabalho é composto por três capítulos. O primeiro é embasado nas ideias de Anatol Rosenfeld (1968), Magda Soares (1995), Mariza Lajolo e Regina Zilberman (2011), Antonio Candido (1972), *Richard* Bamberger (1987), Paulo Freire (1989), Ezequiel Theodoro Silva (1986) e *Alberto* Manguel (2001). Nele, aborda-se a definição da literatura e sua importância no desenvolvimento cognitivo do ser humano, considerando que esta é uma arte que tem artifícios de imitar a realidade, o que possibilita ao leitor uma reflexão entre a realidade criada pela literatura e sua realidade e, assim, gerando algum aprendizado para a sua própria vida.

Já no capítulo II, discute-se a importância da literatura na prática da leitura, visto que a literatura, além de proporcionar entretenimento, proporciona ao leitor a reflexão sobre seus atos, tornando-o mais compreensível e ampliando o conhecimento de mundo. Além disso, discute-se também a relação que há entre a leitura e a literatura. A ligação se confirma quando, por meio dos textos literários fictícios, o imaginário do leitor é aguçado, permitindo a este experimentar pela imaginação diferentes culturas nunca vividas na sua própria realidade e deixando uma equipagem que vai refletir na sua formação intelectual e sociocultural. Para essa discussão, trazemos mais uma vez os autores Regina Zilberman (2009), Magda Soares (2010), Antonio Cândido (1995) e Richard Banberger, que comungam da mesma ideia das autoras Maria do Socorro de Almeida (2014) e Suzana Vargas (2000), sobre o referido tema.

Por fim, no capítulo III, descrevemos o planejamento, realização e os resultados de uma oficina de leitura como atividade pedagógica para estimular a prática da leitura e desenvolver a imaginação dos alunos. O intuito foi analisar os efeitos práticos do projeto no desenvolvimento da competência leitora, avaliando os níveis de aprendizagem e desenvolvimento das habilidades de leitura dos discentes. Tomamos como base para essa proposta os estudos de Angela Kleiman (2004) e Maria Cecília de Oliveira Micotti (2009) que sugerem algumas estratégias para se trabalhar a prática de leitura em sala de aula.

## CAPÍTULO I

### PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

#### 1.1. DEFINIÇÃO DA LITERATURA

Para Anatol Rosenfeld (1968), a literatura, de modo geral, é tudo o que parece fixado por meio de letras. Entretanto, nesse imenso contexto literário, o autor define a literatura ficcional como as belas letras, que se diferenciam das outras literaturas, por ser a arte de compor textos artísticos, de caráter fictício ou da imitação da realidade.

Antonio Candido (1972) destaca a literatura como uma arte capaz de humanizar os homens, sendo ela um direito universal que deve ser exercido por todos os seres humanos.

O autor define:

Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e a fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certa forma é cõoextensiva ao homem, por aparecer invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. (1972, p. 244).

Regina Zilberman (1987), ampliando essa concepção, diz que a literatura deixa uma ponte que liga o leitor ao mundo, pois transmite de forma resumida a realidade em geral que é semelhante à de quem lê, porque se comunica com o seu destinatário e permite que ele tire algum aprendizado para a vida.

Esse raciocínio sobre a literatura nos faz compreender que ela assume o compromisso com a realidade do leitor e com o real que ela mesma cria. De certa forma, a obra literária desperta a curiosidade e o interesse pela descoberta, possibilitando ao leitor experimentar situações nunca antes vivenciadas por ele ou pouco prováveis de serem vividas na sua realidade. Em outros casos, esse leitor consegue se identificar claramente com as experiências por ele lidas, seja em relação ao seu passado ou ao passado de outras pessoas que ele conhece ou ouviu histórias. O acúmulo dessa experiência vivida na imaginação lhe proporciona condições de enfrentar os obstáculos de sua realidade, aprendendo a reagir em

situações desagradáveis, resolvendo seus próprios conflitos, tornando-se capaz de enfrentar novas situações.

Nessa visão também Magda Soares (1997) destaca que a literatura é uma área do conhecimento de suma importância para a formação e desenvolvimento humano, não somente pela gratuidade e entretenimento que a ficção proporciona, mas por possibilitar aos leitores refletirem, porque os personagens vivenciam situações que são da ficção, mas que muitas vezes têm inspiração na condição humana. Os autores da ficção contam as histórias, ora valendo-se apenas do mundo maravilhoso e fantástico, ora misturando o realismo e fantasia.

Richard Bamberger (1987) comunga desse ponto de vista. Ele enfatiza que a literatura aprimora as ideias do leitor, estimulando o pensamento, habilitando o indivíduo a identificar: o desejo, o prazer, a fantasia, a simpatia, etc. Nessa perspectiva, o autor afirma o seguinte:

Tais motivações e interesses íntimos, geralmente não percebidos pela criança, correspondem a concepções definidas de suas experiências: prazer ao encontrar coisas e pessoas familiares (histórias ambientais) ou coisas novas e não familiares (livros de aventuras), desejo de fugir da realidade e viver num mundo de fantasias (contos de fadas, histórias fantásticas e livros utópicos) necessidades de auto-afirmação busca de ideias (biografias), conselhos (não-ficção), entretenimento, (livros de esporte, etc.). (1987, p.48).

De acordo com as ideias dos autores, considera-se que a literatura tem fundamental importância. O contato da criança e do jovem com ela poderá proporcionar momentos de prazer, assim como possibilitar o amadurecimento do pensamento e melhorar a articulação do senso crítico. Essa relação pode ajudar ainda no desenvolvimento da personalidade, favorecer a capacidade de compreender os valores e sentimentos da vida real, além de ajudar a formar consciência do papel que tem na sociedade.

Agora que já foram apresentados alguns conceitos de literatura, bem como suas funções e capacidade de humanização, o presente estudo passa à discussão sobre o processo histórico da leitura no Brasil.

## **1.2. UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DA LEITURA NO BRASIL**

Ao fazer uma abordagem sobre a formação da leitura no Brasil, é importante destacar alguns motivos que influenciam a prática de ler. Nesse aspecto, Nelly

Novaes Coelho (2010) define importantes motivações que induzem o indivíduo à necessidade da leitura. De acordo com autora, é condição básica do ser humano observar e compreender o espaço em que vive, os seres e as coisas com que convive. Acredita-se que desde os tempos mais remotos o homem começou a se organizar, registrando em algo durável suas experiências.

A autora enfatiza que o homem enquanto vive tem necessidade de registrar suas ações, sua cultura, os bens que possui, e o faz desde suas primeiras origens, por meio da escrita de suas ideias, de modo que, com o passar do tempo, foi aperfeiçoando esses registros usados para preservar suas histórias culturais, de forma que foram sendo repassadas de geração em geração. Desse modo, na busca por estudar a história das culturas e a forma pela qual elas foram repassadas de geração para geração, nota-se que o texto escrito foi o principal veículo de transmissão.

Na perspectiva de entendimento entre o emissor e o receptor da mensagem, compreende-se que a leitura é um importante instrumento de comunicação e libertação de um estado de dependência e o acesso ao processo de construção de cidadania.

Porém, quando se discute a importância da leitura para o desenvolvimento humano, nos deparamos com diversos obstáculos que impediam a expansão desse saber.

Mariza Lajolo e Regina Zilberman (2011), ao analisarem a formação da leitura, destacam que só a partir das revoluções europeias no Século XVIII, com a reorganização familiar como instituição democrática, é que se intensificou o gosto pela leitura. Segundo as autoras:

A história do leitor começou com a expansão da imprensa e desenvolveu-se graças à ampliação do mercado do livro, à difusão da escola, à alfabetização em massa das populações urbanas, à valorização da família e da privacidade doméstica e à emergência da ideia de lazer. Ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos é função social, para a qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas. (2011, p. 2).

Apesar de na Europa a leitura já se acentuar entre as famílias com o objetivo de formação moral de seus membros, no Brasil caminha a passos muito lentos, atendendo aos interesses do governo e se amplia às famílias burguesas. Lajolo e Zilberman destacam: só por volta de 1840 é que no Brasil se começa a perceber

uma ampliação da leitura, em virtude da expansão da produção do café e da exigência do domínio econômico estrangeiro. Segundo as autoras:

No Rio de Janeiro como sede da Monarquia, foram direcionados espaços voltados para a prática, fortalecendo os primeiros leitores brasileiros, de forma que começa a desenvolver a criação literária e a sua circulação através de livrarias e bibliotecas. No entanto, a escolarização era precária. (2011, p. 5).

As autoras tratam das muitas configurações da leitura no Brasil. Segundo elas, a trajetória da escolarização da leitura em terras brasileiras foi se dando gradativamente. Porém, em toda sua história, percebe-se que a leitura sempre foi privilégio de uma pequena camada da sociedade e esteve atendendo aos interesses do Estado. Enquanto isso, a maioria da população em pleno analfabetismo era explorada para enriquecer o Estado e a burguesia. Lajolo e Zilberman destacam:

Historicamente a leitura tem sido privilégio das classes dominantes e a “sua apropriação pelas classes populares significa a conquista de um instrumento imprescindível não só na elaboração de sua própria cultura, mas também à transformação de suas condições sociais”. (1995, p.48).

Sobre essa questão Ezequiel Theodoro da Silva (1986) afirma que “a leitura no país sempre redundava no aspecto do privilégio de classe e na injustiça social”. Conforme a ideia desse autor, o acesso aos livros e à leitura eficaz ainda não foi democratizado em nosso meio, embora não se possa negar o aumento de ações que buscam a ampliação desse fator. O autor esclarece que:

A “crise da leitura” com índices baixíssimos de qualidade de leitura não é um problema somente de nosso século XX e XXI. Ela vem sendo produzida desde o período colonial, em paralelo com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas bem estruturadas nas escolas e com a inexistência de políticas concretas, menos utópicas para popularização da leitura e do livro. (1986, p. 21).

Segundo Silva, ler resulta no conhecimento e percepção mais profunda das relações existentes no mundo. Para o autor, por meio da leitura é possível que o indivíduo compreenda melhor o que acontece à sua volta. Pode se considerar que a aprendizagem da leitura é um importante instrumento no processo de construção de cidadania da sociedade. De acordo com pesquisador, em uma sociedade letrada a possibilidade do exercício da reflexão e da crítica por meio da leitura é bem maior que aquelas proporcionadas por outros meios de comunicação.

Nesse sentido, a escola tem uma atuação importante, uma vez que ainda é o principal lugar de socialização da leitura.

Porém, torna-se necessário refletir sobre as diferentes concepções da escola sobre o significado da leitura e do livro em sala de aula. Conforme *Alberto Manguel* (2001), os métodos pelos quais nos tornamos leitores não só encarnam as convenções de nossa sociedade em relação à alfabetização e às hierarquias de conhecimento e poder, como também determinam e limitam as formas pelas quais nossa capacidade de ler é posta em uso. Por exemplo, na metade do século passado, para ser considerado alfabetizado, bastava saber assinar o próprio nome. De fato, com exceção das elites que tinham acesso a variados bens culturais, até 1950 boa parte da população brasileira era analfabeta ou sabia apenas assinar o nome e escrever poucas palavras.

Para a escola, os alunos são considerados leitores. Entretanto, não mudam ou mudam muito pouco a sua situação no contexto social. De modo que é percebido que somente a codificação das palavras não o capacita junto à complexidade do mundo atual. Passando isso a ser insuficiente. Como afirma Magda Soares:

À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita, um novo fenômeno se evidencia: não basta aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática de leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita. (1998, p. 45-46).

Dessa forma, consideramos que a escolarização da leitura é bem mais do que estimular a simples habilidade de ler, é uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras. Nessa perspectiva, aumenta a importância da escola sobre o seu papel de socialização do ensino, proporcionando a participação e integração dos alunos a práticas de leitura e escrita variadas e socialmente relevantes que estes ainda não dominam.

Portanto, o primeiro passo da escola consiste em garantir um eficaz e adequado processo de aprendizagem da leitura. Essa leitura como prática sociocultural deve estar associada ao prazer, com facilitação da discussão e apreciação dos significados atribuídos ao texto, com várias interpretações dentro de um clima amigável e com resultados significantes para os leitores e professores.

Dessa forma, o aluno estará se preparando para enfrentar os desafios que vêm com a idade. Ainda, sobre o tema leitura discutiremos a seguir como se dar o processo da leitura na vida do ser humano.

### **1.3. O ATO DE LER**

O ato de ler se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo à nossa volta. A preocupação com a leitura esteve sempre muito presente por se tratar de um instrumento essencial em nossa sociedade.

Costuma-se imaginar que o aluno inicia o processo de leitura somente ao ingressar na escola, com o contato com o livro, com a escrita, com o lápis e na codificação das palavras. Porém, para falar de leitura é importante considerar as ideias de Paulo Freire (1989) que ao se referir ao ato de ler nos faz entender que o leitor aprende a ler e compreender o mundo antes mesmo de ser inserido na escola. Ou seja, desde o seio familiar entendemos o mundo, interagimos com ele, e interpretamos seu contexto. Nessa perspectiva, o autor destaca: “o ato de ler se veio dando na sua experiência existencial. Primeiro, a leitura do mundo do pequeno mundo em que se movia; depois, a leitura da palavra” (FREIRE, p. 09). De acordo com o autor, na leitura deve haver uma interação entre texto e aluno. O leitor tem o papel de perceber e atribuir sentido ao texto, se valendo de suas experiências de mundo exterior à escola para interagir com esse texto, tornando a leitura satisfatória e compreensiva.

Buscando nas memórias e até mesmo no contato com crianças de nossas famílias, comprovamos o que o autor afirma. Ao nascer, a criança vai aprendendo gradativamente a interagir com o mundo. Primeiro, ocorre o contato com a mãe e, conseqüentemente, com outros familiares e pessoas que compõem seu pequeno espaço social.

Em consequência dessa primeira percepção de mundo presente na criança, comprova-se que o aluno quando chega à escola não vem como um papel em branco, por conta do acúmulo de saberes construído nas relações anteriores à escolarização.

Segundo Freire, a escolarização da leitura vem contribuir para a ampliação dos efeitos positivos do ato de ler na medida em que essa leitura se amplia para o texto escrito, o que possibilita o aprofundamento do conhecimento e magnitude da

percepção de mundo desse leitor, tendo em vista que a leitura é fundamental para o desenvolvimento da formação social de cada indivíduo, contemplando os mais variados aspectos que vão desde a linguagem, passando pela sensibilidade, emoção, pela criticidade e exercício da reflexão, fundamentais para as diferentes formas de aprendizagem. Por meio da leitura que realizamos, nos apropriamos de um vasto conhecimento sobre diferentes lugares, descobrimos um novo mundo de culturas e saberes, muitas vezes a necessidade de sair fisicamente do lugar em que vivemos. Freire (1989) defende a ideia que o ato de ler implica na percepção crítica, na interpretação, na reescrita, na reelaboração do que lemos. Através da leitura, o leitor torna-se melhor preparado para interagir no seu dia a dia de forma responsável, se sentindo capaz de contribuir com seu mundo social e interagir com as diferenças. Para este autor:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (1989, p. 09).

Compreende-se assim que há diferentes fases de leitura: na primeira, a “leitura” do pequeno mundo particular; depois, a leitura escolarizada, esta então poderá dar continuidade à leitura daquele mundo. Recordando momentos de quando atuou como professor, o autor dar exemplo desse processo. Freire destaca:

A palavra tijolo, por exemplo, se inseriria numa representação pictórica, a de um grupo de pedreiros, por exemplo, construindo uma casa. Mas, antes da devolução, em forma escrita, da palavra oral dos grupos populares, a eles, para o processo de sua apreensão e não de sua memorização mecânica, costumávamos desafiar os alfabetizando com um conjunto de situações codificadas de cuja codificação ou “leitura” resultava a percepção crítica do que é cultura, pela compreensão da prática ou do trabalho humano, transformador do mundo. No fundo, esse conjunto de representações de situações concretas possibilitava aos grupos populares uma “leitura” da “leitura” anterior do mundo, antes da leitura palavra. Esta “leitura” mais crítica da “leitura” anterior menos crítica do mundo possibilitava aos grupos populares, às vezes em posição fatalista em face das injustiças, uma compreensão diferente de sua indignação. É neste sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não e associada, sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica. (1989, p. 13-14).

Zilberman (1988), comungando desse posicionamento, também discute o ensino da leitura e escrita como importante instrumento para o processo de desenvolvimento intelectual do indivíduo. Segundo a autora, o aluno utiliza-se das experiências que acumulou no meio familiar, social e cultural para processar novas regras, reelaborando suas ideias de forma que tenha consciência de seu papel social. Por isso, a autora reflete que:

A aprendizagem da escrita e da leitura o leva a internalizar novas regras, desconhecidas e diferentes da experiência até então acumuladas com a linguagem oral, nessa medida, a própria ação de ensinar a ler e escrever leva o indivíduo a aceitar o fato de que lhe cabe assimilar os valores da sociedade. (1988, p.18-19).

Conforme propõem os autores, a escola deve promover o ensino considerando a primeira leitura do aluno para ensinar a leitura da palavra, aprimorando o conhecimento trazido por esse educando através do ensino escolarizado, daí proporcionar uma leitura crítica do mundo posterior a essa. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica resulta na percepção das relações entre o texto e o contexto. Desse modo, Freire considera o ato de ler um “universo cultural”, do qual participamos enquanto sujeitos ativos. Aprender a ler, a escrever, se alfabetizar é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender seu contexto, não numa manipulação de palavras soltas, mas numa dinâmica que relacione linguagem e realidade.

Sobre esse ponto de vista, busco nas memórias as várias experiências nas quais os alunos apontavam pistas para um novo entendimento de ensino. Foram essas evidências que fizeram a diferença nesses 36 anos de atuação profissional como professora. Lembro que em 1983 trabalhava em uma turma de alfabetização, época em que o ensino da leitura se dava de forma bem tradicional. Naquele contexto, tinha certeza que estava fazendo o certo. Marquei a página da Cartilha que o aluno deveria decorar a “lição”. No dia seguinte, Marcos, aquele menino franzino, de olhar profundo, se aproximou da minha mesa colocou o livro em cima e se pôs a fazer sua leitura. Eu deslizava a caneta naquelas palavras enfileiradas, esperando que o aluno pronunciasse as palavras ali escritas. No entanto, a leitura feita por ele não era a reprodução das palavras que a mãe tinha repetido várias vezes esperando que as memorizasse. Ao invés disso, fez uma leitura rica de informações. Apesar de estar frente à cartilha, o aluno falava de um texto que não estava escrito com as letras. Fitava a paisagem colorida, desenhada naquela página. Lia a casa, o rio, a

pata e seus filhotes, as árvores, o burro tomando água à beira do lago. Mas o que me chamou a atenção foi o fato de que não era uma simples descrição das figuras. Porém, uma leitura rica de informações interligando as imagens daquela página. Quando concluiu me perguntou: acertei a lição professora? Eu o elogiei com admiração e logo lhe perguntei como foi para ler tão bonito a lição. Ele me respondeu: “assim que é na casa da vovó, lá no interior”. Naquele momento, imaginei que o aluno quisesse unicamente demonstrar como era o sítio de sua família. Porém, aquela situação logo me provocou uma inquietação que me fez começar a pesquisar sobre o processo de ensino. Queria entender porque o aluno fez a leitura daquela forma. Algum tempo depois pude compreender. A criança quando chega à escola já tem uma compreensão das coisas, uma experiência vivida em família, mesmo que não seja a leitura das letras, das palavras, dos textos. Porém, consegue entender outras situações, consideradas simples, mas de grande importância para a sua vida: a hora de dormir, de acordar, de brincar, entende quando está com fome, sente dor, tristeza, alegria, entre outras percepções.

No exemplo dado, percebemos como a experiência trazida pelo aluno deve ser considerada na hora de ensinar a leitura da palavra do texto. Freire, ao fazer suas considerações em torno da escolarização, reforça que o educador é o facilitador do conhecimento, de forma que o aluno possa escrever e reescrever o seu mundo aprimorando o seu saber. Isto é, o educador é o mediador nesse processo fundamental para a construção do conhecimento. O autor desta ainda que:

Enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo de criação tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador, anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. (FREIRE, 1989, p. 13).

Dessa forma, concordamos com os autores. Para a formação de um leitor crítico, é indispensável promover condições para que o aluno perceba o prazer da leitura. Desta maneira, só será possível se na prática em sala de aula, o professor utilizar variados textos, incluindo os literários que instiguem a reflexão da realidade do educando. Por outro lado, deve sondar o motivo do aluno não gostar de ler e o que fazer para despertar neste o seu potencial crítico de leitura.

Avançando a discussão a respeito do ato de ler e do exercício dessa prática, passaremos para o Capítulo II, no qual será feita tanto a abordagem acerca das

potencialidades da literatura para o ensino, quanto da relação entre a literatura e leitura. Destacaremos esta como um importante instrumento para praticar a leitura.

## CAPÍTULO II

### A PRÁTICA DA LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR

#### 2.1. A LITERATURA E SEUS POTENCIAIS PARA O ENSINO

Segundo Maria do Socorro P. de Almeida (2014), poderíamos dizer que a literatura é a forma mais antiga de ensinar mesmo que ela não tivesse em princípio o objetivo pedagógico. Nessa perspectiva a autora enfatiza que:

Na antiga Grécia e Roma, os textos das epopeias homéricas, bem como de poetas e teatrólogos como Ovídio, Cícero, Virgílio e outros, eram declamados ou lidos para que os ouvintes se deleitassem com as facetas dos estilos literários, refletissem sobre seus conteúdos e observassem as belezas do mundo. (2014, p.8).

Analisando-se por esse lado, é que se entende o fato de a literatura ter passado a ser vista como um método educativo e ter entrado nas escolas como um instrumento pedagógico. Porém, no Brasil, segundo Zilberman (2008), foi na virada dos anos 1970 para os anos 1980 que se intensificaram e se expandiram as discussões relativas à leitura na escola e ao papel da literatura no ensino. Essas discussões aconteceram no contexto das manifestações populares que questionavam o autoritarismo do regime militar e reivindicavam eleições diretas para a Presidência da República. O Brasil dá os primeiros passos na direção da redemocratização. A autora ressalta:

No âmbito dessas discussões, que envolvia a aprendizagem e o uso da língua portuguesa, recebeu a literatura uma valorização específica, pois era nela que se colocavam as esperanças de superação dos problemas experimentados na sala de aula. Com efeito, se os diagnósticos identificavam as dificuldades de leitura e expressão escrita por parte dos estudantes, era à literatura, representada por obras de ficção e de poesia, que se transferiam os créditos e as expectativas de mudança e de sucesso quando do exercício da ação educativa por parte dos docentes. (2008, p. 13).

Coelho (1997) enfatiza que a literatura é de suma importância para a formação e desenvolvimento humano, não somente pela gratuidade e entretenimento que a ficção proporciona, mas por possibilitar aos leitores refletirem, porque vivenciam situações que são da ficção, mas que têm inspiração na condição humana, isto é, na vida real das pessoas que os autores recontam essas

experiências, ora valendo-se apenas do realismo cotidiano, ora do mundo maravilhoso e fantástico.

Candido (1995) também afirma que a literatura desenvolve em nós a sensibilidade, nos tornando mais compreensivos, reflexivos, críticos e abertos para novos olhares e possibilidades diante da nossa condição humana. A leitura literária também nos permite refletir sobre o mundo em nossa volta, abrindo nossos horizontes, ampliando os conhecimentos e possibilitando novas perspectivas.

Para esses autores, um dos aspectos mais importantes dessa relação refere-se à interação com os textos literários e o desenvolvimento da curiosidade dos leitores e da sua imaginação, o que desperta o interesse ao acesso aos diferentes saberes sobre as culturas de povos e lugares desconhecidos, seja do universo fictício ou real. De certa forma, a leitura literária deixa em cada um de nós uma bagagem de experiências que nos define como leitores e que se refletem em nossa formação e ação frente as nossas interações sociais.

A partir das concepções apresentadas pelos autores, a literatura é considerada como um bem cultural, cujo acesso contribui para o desenvolvimento da educação, da sensibilidade, da concentração e dos aspectos cognitivos e linguísticos, contemplando ainda o exercício da imaginação.

Ao ler narrativas literárias, o leitor se envolve na história de certa forma que aflora sua fantasia, a ponto de se deixar levar pela imaginação vivendo emoções e situações nunca experimentadas e, a partir dessa experiência, o indivíduo passa a ter capacidade de lidar com a realidade de forma mais consciente.

No Brasil, de um lado se tem as famílias de classes consideradas menos favorecidas que não tiveram um ensino proficiente, resultando na falta de condições desses pais de darem apoio aos seus filhos no exercício de ampliação da leitura; de outro lado, estamos frente à nova geração de leitores que já nasceram nessa era digital e, desde o berço, tem atenção direcionada ao novo modelo de leitura e escrita oferecido pelo mercado tecnológico, que tende a prender a atenção dos leitores de todas as faixas etárias, distanciando a criança e o jovem dos livros, que para eles parecem não ter vida nem encantamento. Surge assim a responsabilidade da escola em oportunizar ao educando um ensino de leitura renovado, usando estratégias que despertem a curiosidade do aluno, prenda sua atenção e, principalmente, valorize suas ideias.

Portanto, precisamos priorizar o potencial desse aluno-leitor, ofertar a ele diversos textos que estejam próximos ou distantes de sua realidade histórica e social no intuito de oferecer caminhos para construir sua identidade enquanto leitor, colaborando para que possa se tornar um sujeito que age sobre o mundo para transformá-lo a partir da ação sobre si mesmo, para firmar sua liberdade fugindo da alienação.

Segundo Candido (1995), a literatura é uma forma privilegiada de linguagens, porque, entre outros aspectos, pode favorecer o desenvolvimento da educação e sensibilidade estética. Em sua afirmação, o autor enfatiza:

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (1995, p. 249).

Na concepção do autor as funções da literatura estão ligadas à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório e humanizador que o texto literário traz consigo, porque permite, entre outras coisas, a identificação emocional entre a pessoa que lê e o texto, podendo apresentar dentro ou fora da escola, especulações feitas pelo leitor consigo mesmo ou com outras pessoas acerca de questões apresentadas e refletidas em determinadas narrativas.

Candido acredita que podemos distinguir pelo menos três faces para o papel contraditório, mas humanizador da literatura: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. O autor destaca:

Nesse sentido, a literatura tem uma atuação sobre nós por transmitir conhecimentos, resultando em aprendizados, mas vale ressaltar que ela não desempenha apenas esse papel quando se trata de produções literárias, pois o seu efeito ocorre devido à atuação que articula a relação da literatura também com os direitos humanos por dois ângulos. (1995, p. 176).

Para Candido, a literatura corresponde à necessidade cultural e universal, mas pode causar a mutilação da personalidade, porque dá forma aos sentimentos e

a nossa visão de mundo, nos humanizando, nos organizando, nos libertando do caos. Ao negarmos a sua fruição, estamos mutilando a nossa humanidade. Em segundo lugar, para esse autor, a literatura é um instrumento que desperta a consciência fazendo com que lutemos pelos nossos direitos; é tudo o que pode ser chamado de criação poética ficcional e dramática, alcançando todos os níveis sociais e culturais.

Dessa forma, o autor concebe que a literatura contribui fortemente para a formação integral da pessoa. Ela é imprescindível e deve fazer parte da vida das pessoas de maneira constante, pois fornece a base cultural necessária ao indivíduo para viver plenamente sua subjetividade integrada à sua vida prática. (1995, p. 249).

Neste sentido, entende-se que a literatura exerce uma função social importante. É através dela que “o indivíduo abandona temporariamente sua própria disposição e se preocupa com algo que até então não experimentara. Traz para o primeiro plano algo diferente dele, momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo”. (ZILBERMAN, 1999, p. 84). Assim sendo, a experiência vivenciada pelo leitor literário está diretamente relacionada ao horizonte de sua expectativa, em sua compreensão do mundo, como ao seu comportamento social. O texto literário não constitui, a priori, um texto utilitário. São os leitores que, a partir do diálogo com ele, lhe atribuem diferentes funções ou finalidades.

Na maioria das vezes, a escola atribui à literatura um papel equivocado, o de ser, acima de tudo, um instrumento de aperfeiçoamento linguístico. Ao contrário dessa perspectiva, o texto literário oferece inúmeras funções mais importantes. Com ele se aprende, se compara, se questiona, se diverte, se amadurece, se transforma, se vive, se desenvolve a sensibilidade estética, se contata com as mais diferentes visões de mundo, etc.

A literatura não dá somente informação ao seu leitor, mas principalmente a formação de seu “espírito”, de tal modo que a ação sobre o mundo se faça impregnada dessa riqueza. Diante da literatura, abrem-se inúmeras virtualidades cognitivas do texto, pois, como um ser singular, o indivíduo tem reais condições de interpretar de maneiras diversas. Esse contato com o texto literário é riquíssimo para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos, para que eles possam se constituir cada vez mais seres humanos reflexivos e críticos. Não há uma leitura pronta e única para os textos, quer dizer, produz-se leitura no pleno diálogo leitor-texto-autor.

Uma das necessidades fundamentais do homem é dar sentido ao mundo e a si mesmo. Assim, a literatura permanece como veículo primordial para esse diálogo. O texto literário é a modalidade textual que faz a descoberta de sentidos de forma mais abrangente.

Discorrendo sobre a literatura, percebemos que ela se destaca entre as mais diversas áreas do conhecimento, de forma que sua potencialidade dá suporte a todas as ciências de forma geral. Portanto, a partir deste ponto, dissertaremos sobre a relação da leitura e literatura.

## **2.2. A RELAÇÃO ENTRE A LEITURA E LITERATURA**

Considerando o que já foi discutido até aqui, pode se conceber que a literatura é uma das magnitudes culturais que mais oferece condições para o desenvolvimento do ser humano e que, por esta razão, pode ser instrumento e meio de ensino de muitas áreas do conhecimento: da filosofia, da história, da matemática, além dela mesmo. Vale ressaltar seu uso no ensino da escrita e leitura. Neste trabalho, é focado seu uso na prática da leitura no âmbito escolar.

Zilberman (2009) concorda com esse ponto de vista, pois demonstra que acaba sendo a escola que tem a função de incentivar a leitura, embora nem sempre consiga alcançar sua meta. A autora escreve:

Da alfabetização, tarefa que a escola desempenhou burocraticamente desde os seus inícios, passou a necessidade de letramento, sobretudo de letramento literário. A leitura de textos apresenta-se como um alienígena, sobretudo nas que atendem os segmentos populares. (2009, p. 15).

Segundo a autora, nos dias atuais não é mais atribuído ao ensino da literatura a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. Zilberman discorre:

Por sua vez, a execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A literatura então se associa à leitura, do que advém a validade dessa. (2009, p. 17).

De acordo com a ideia da autora, a escola ao trabalhar a leitura através da literatura possibilita ao aluno a visão artística da obra, pois o tratamento literário dispensado pelo autor permite que o aluno tenha contato com a estética da palavra

como ato criativo que busca a diversidade de interpretação, caracterizando a obra literária como arte, diferenciando-se do texto essencialmente informativo.

A leitura é uma forma exemplar de aprendizagem. Oferece oportunidades para o indivíduo crescer intelectualmente e desenvolver sua linguagem, melhorando no dia a dia. Relata Banberger:

A literatura dá forma às experiências, caracteriza a relação entre o indivíduo e o mundo que o cerca. Para isto, é necessário desenvolver o domínio do aspecto mecânico da leitura, o reconhecimento, a percepção e a compreensão do código escrito. A leitura é um instrumento de auto-educação, pois contribui para a formação do ser humano, uma vez que possibilita o contato com os registros culturais. As possibilidades que a leitura traz são de ordem: pessoal – através do enriquecimento cultural, do saber acumulado e lazer que essa propicia; econômico-social – porque se encontra maior chance de qualificação profissional e ascensão social; Política – forma-se um indivíduo crítico e atuante, que lê o seu mundo. (1987, p. 11).

Nesse sentido, a literatura tem fundamental importância quando se trata da formação do indivíduo. Zilberman concorda também que a experiência da leitura decorre das propriedades da literatura enquanto forma de expressão, que se utilizando da linguagem verbal, incorpora a particularidade desta de construir um mundo coerente e compreensível, logo, racional. A autora explica:

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. (2009, p. 17).

Na medida em que a criança e o jovem têm mais contato com a literatura, seus pensamentos amadurecem, o senso crítico fica cada vez mais aguçado e há uma reformulação total de pensamentos. O contato com a literatura poderá possibilitar momentos de encantamento e satisfação pessoal, despertando o gosto pela arte literária.

Além disso, a literatura tem um alcance amplo, pois além de trabalhar a razão e a emoção, desperta a imaginação e desenvolve a criatividade. A formação do gosto de ler começa muito cedo, e depende de atitudes positivas em relação à leitura, através do contato com livros.

Quanto à leitura, deve ser vista como fonte de lazer se for um ato espontâneo e proporcionar prazer. Suzana Vargas (1993) também destaca “a leitura se constitui

numa das atividades humanas essenciais: penso, falo, ouço, escrevo e leio”. A autora distingue vários tipos de leitura, mas aqui interessa a leitura da literatura, praticada sempre no sentido de despertar o prazer do texto e aguçar o potencial cognitivo e criativo do aluno.

Como já vimos, o estímulo à leitura vem do “criar gosto pelos livros”. Para isso, além da necessidade da existência de obras literárias que atendam às expectativas dos alunos, o professor deve ter em mente que, seja qual for a forma de ensino ou recurso tecnológicos hoje adotados, o texto deve ser o condutor, o protagonista da relação professor/aluno e deste com o mundo e consigo mesmo. No entanto, é fundamental que seja valorizada a visão interpretativa do aluno, ou seja, embora o professor possa chamar atenção sobre os aspectos estéticos e estruturais do texto, deve ser parceiro do aluno na interpretação, até mesmo para facilitar sua intervenção caso necessário. Segundo Vargas:

O leitor adquire através da observação mais detida, da compreensão mais eficaz, uma percepção mais crítica do que é lido, isto é, chega à política do texto, a compreensão social da leitura dá-se na medida dessa percepção. Pois bem, à medida em que ajudo meu leitor, meu aluno, a perceber que a leitura é fonte de conhecimento e de domínio do real, ajudo-o a perceber o prazer que existe na decodificação aprofundada do texto. (2000, p.8).

De acordo com a ideia da autora, pode se entender que, se na vivência escolar é o professor que está em contato com o aluno, deve ser ele um dos agentes principais no estímulo da criança e do jovem para despertar o gosto pela leitura.

Compete ao educador estar consciente da importância da obra literária para o homem, para que possa estimular uma vivência significativa com a obra, visando o enriquecimento pessoal do leitor. Para isto, o professor deverá estar atento à problemática da sociedade brasileira e às dificuldades das instituições escolares, para que repense a prática pedagógica e tenha um referencial em relação à questão da leitura. Discutindo a relação que há entre a leitura e literatura, consegue-se perceber que aquela precisa desta para se concretizar com plenitude de forma que unificadas amplificam o conhecimento do leitor. Porém, para que se concretize esta uniformidade, a escola deve se utilizar dos textos literários como instrumentos na prática da leitura. É o que abordaremos a seguir.

### 2.3. A LITERATURA NA PRÁTICA DA LEITURA

A discussão em torno da relação entre leitura e literatura nos dá uma dimensão da importância que a literatura tem na prática de leitura com crianças e jovens. Suzana Vargas (2000) diz que a escola exerce um papel importante na formação dos leitores, já que é na escola que a maioria das crianças inicia o aprendizado de leitura de textos. Ruth Rocha, conhecida autora de livros dedicados a crianças e jovens, comunga desta mesma ideia. Em entrevista à revista semestral da Associação de Leitura do Brasil, afirma que na escola que a criança desenvolve a capacidade de ler, mas, segundo ela, em vez de matéria obrigatória, a leitura deveria ser transformada em atividade artística. A autora destaca:

Eu acho que é uma coisa que tem duas faces, como tudo no mundo tem direito e avesso. Por um lado, eu acho que a escola é, às vezes, a única oportunidade que as crianças têm de entrar em contato com a leitura. Se a gente contar o número que lêem ou que tiveram acesso à leitura através da escola. Por outro lado, a leitura não deveria ser selecionada, vamos dizer, na base do que ela tem de ensinamento, do que ela tem de “mensagem”. O texto não deveria ser usado, por exemplo, para a aula de gramática, a não ser que fosse usado de maneira muito engraçada, muito interessante. Porque se assim não for, faz com que a leitura fique uma obrigação, uma tarefa. (2000, p. 14)

Segundo as autoras, cabe à escola promover a formação de leitores por toda a vida. Dessa forma, torna-se necessário criar boas condições de trabalho para o desenvolvimento da leitura, assim como deve também haver uma atuação efetiva por parte do educador, visto que este é o elo principal que liga a escola e o aluno.

Para que o professor alcance seus objetivos em relação à motivação e interesse que despertará no educando por meio da prática de leitura, deverá descobrir a realidade e interesses dominantes de seus alunos. Um modo mais fácil para isso é saber as diferenças marcantes entre os interesses e experiências de leituras desses jovens leitores.

Nesse sentido, sugere-se que o professor trate a leitura como uma atividade artística, uma atividade de criação, que proporcione aos alunos o prazer de criar e recriar, colocando a realidade em movimento.

O professor pode despertar no aluno várias motivações e interesses apresentando-lhe o material de leitura apropriado. Deve ter um amplo planejamento das atividades de leitura na escola, que apresente características interdisciplinares e

cooperativas voltadas às necessidades e interesses dos alunos. Deve ainda propor estratégias de formação para que os alunos desenvolvam um carinho especial pelos livros. Certamente ele deixará sua imaginação e fantasia fluírem encontrando o prazer ao ler. Zilberman (2009) vê várias funções que uma fantasia criadora pode exercer em uma obra literária. Neste sentido, a autora afirma que:

O mais importante é que a fantasia dá forma compreensível àqueles fenômenos, transparecendo por meio de ações e figuras, relações entre elas, saídas para os problemas levantados. E porque a forma empregada é compreensível, pode ser adotada por outros indivíduos, que assim, têm de entender suas próprias dificuldades, refletir sobre elas, buscar um caminho para seus dramas pessoais ou sociais. A fantasia transfere essa forma para a literatura, e o leitor procura ali os elementos que expressam seu mundo interior. Pode ser que ele não opere como o escritor, que produz um texto literário ao elaborar de modo criativo seus processos internos; mas ele passa por situação similar, na medida em que o mundo criado agita seu imaginário e faz com que, de alguma maneira, esse se manifeste e transforme-se em linguagem. Eis por que leituras significativas confundem-se (sic) com nosso cotidiano, tornam-se lembranças perenes, explicam nossa própria vida. (2009, p. 20).

A ideia da autora nos faz compreender como se dá a percepção do leitor frente a leitura de textos criativos, visto que estes desafiam os leitores para o caminho da imaginação e fantasia despertando emoções e ensinando ao leitor a percorrer uma atmosfera do possível e impossível.

Para que sejam possíveis essas descobertas, o desenvolvimento da criatividade é importante, pois construir histórias na mente é um dos meios fundamentais para elaborar significações.

A escola, sendo um espaço propício ao incentivo da leitura, é capaz de fazer com que o aluno ponha em questão o universo em que está inserido, dando-lhe margens para interagir como sujeito que pensa. O aluno não pode se limitar à simples decodificação de símbolos gráficos, porém, deve partir de uma necessidade própria de instigar constantemente, socializar a curiosidade sabendo julgá-las quando necessário.

À escola, cabe reconhecer sua capacidade de atuar como estimuladora do processo de leitura e propiciar o máximo em experiências, não apenas com base no código linguístico escrito, mas no ouvir, comentar, criticar, sugerir, ler diferentes linguagens.

A escola deve ser um espaço que promova realizações, deve ser uma esfera de vivências, deve apresentar realidades a serem compreendidas e transformadas

por intermédio de reflexões. A educação é o encontro do sujeito com o mundo e com as leituras dele, efetivadas por meio da linguagem. Para Freire:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Os atos educativos manifestados e recebidos do mundo são operados pela linguagem, que é imersa em inúmeros códigos e signos (banners, propagandas, gestos, cadernos, mapas, livros, signos digitais e tecnológicos) (1987, p. 44).

O professor é fundamental nesse processo, garantindo o espaço e as condições para que os alunos se mostrem nas suas histórias, nas suas preocupações. É ele quem vai identificar, nesse universo de representação que se desvela os temas, os problemas e os interesses a serem trabalhados pelo grupo. Essencial é a função que o professor vai exercer no encaminhamento do processo da leitura.

O ato de ler pertence aos elementos essenciais do universo. Segundo Paulo Freire, todos somos leitores e só a partir dessa certeza é que tudo no mundo cria-se e recria-se. Através da leitura, o homem forma conceitos e questiona sentidos, generaliza palavras e particulariza ideias, comunica verdades e desconstrói hipóteses. Sem a leitura, nada no universo da linguagem é possível, e “tudo” só é possível pelo viés do universo da linguagem.

O mundo passa por profundas transformações, e o foco hoje está centrado em um leitor que não apenas decodifique palavras, mas que passe a exercer uma relação interativa com o autor, refletindo e opinando criticamente sobre a produção textual ofertada.

Pode se considerar que o ensino da leitura é algo fundamental, entretanto, é muitas vezes precarizado no ensino público. Os alunos acabam estigmatizando a leitura como algo chato e de difícil compreensão, pois não conseguem extrair o seu significado e muito menos despertar o prazer por esta atividade, já que por demasiadas vezes têm como referencial apenas as leituras de sala de aula, e estas acabam não se tornando tão atrativas na maior parte do tempo.

Ao se pensar em leitura, a escola precisa entender que esta não é simplesmente uma atividade auxiliar da escrita, mas uma das habilidades essenciais na formação do indivíduo. Se os profissionais da educação estão interessados em

modificar a sua atuação visando melhorar a educação escolar, sobretudo com referência ao ensino da leitura e escrita, precisam criar estratégias que promovam um ensino mais eficiente.

A autora Maria Cecília de Oliveira Micotti (2009) diz que é preciso mudar as práticas cotidianas atuais da maioria das escolas. De acordo com essa ideia, sem dúvida há necessidade da realização de práticas de ensino que forneçam informações e incentivem a curiosidade do aluno. Caso contrário, os problemas com a leitura continuarão interferindo de forma negativa no desempenho escolar dos alunos. A autora destaca:

Atualizar, realmente, o conceito de aprendizagem, apoiando-se no socioconstrutivismo e nas ciências cognitivas: são os próprios aprendizes que constroem suas aprendizagens, o que é feito com a ajuda de outros, isto é, graças particularmente às interações com seus pares e a mediação de seus professores. (2009, p. 20).

De acordo com as ideias da autora, é possível compreender que não basta apenas entender que a leitura e a escrita são indispensáveis à formação da pessoa. Para que isso se efetive de fato, a escola como instituição responsável pelo ensino deve criar condições inovadoras para atrair o aluno para a prática da leitura, para que o ato de ler e escrever se torne uma realidade concreta na vida desses indivíduos. Segundo Micotti:

A pedagogia por projetos preenche as condições prévias e favoráveis a toda aprendizagem da leitura e produção de escritos porque cria situações autênticas de comunicação com interlocutores verdadeiros, sendo necessário, para dar conta dessas situações, aprender a ler e a escrever. (2009, p. 21).

Dentro dessa mesma visão, Angela Kleiman (2017), no livro *Oficina de Leitura: Teoria e Prática*, trata o processo de leitura:

Como um conjunto de estratégias cognitivas e metacognitivas de abordagem do texto, o ensino estratégico de leitura consistiria, por um lado, na modelagem de estratégias metacognitivas, e, por outro, no desenvolvimento de habilidades verbais subjacentes aos automatismos das estratégias cognitivas. Este último tipo de instrução seria realizado através de análise textual característica da desautomatização do processo. (2016, p. 75 e 76).

Nas ideias propostas pelas autoras, os alunos serão envolvidos nas atividades trabalhando de muitas maneiras, ultrapassando a leitura do livro e promovendo a realização de outras atividades, tais como: criação artística, produção

textual, teatro, pesquisa, etc. O objetivo é despertar a curiosidade, a criatividade e imaginação do leitor infantil e juvenil.

A partir de agora passaremos para o último capítulo, no qual será apresentado o projeto “Ler para valer” como proposta de atividade de práticas de leitura.

## **CAPÍTULO III – UMA PROPOSTA DE PRÁTICA DE LEITURA**

### **3.1. OFICINA DE LEITURA “LER PARA VALER”**

Compreendemos que a organização de projetos como prática inovadora, certamente, contribuirá que esse leitor desenvolva melhor sua habilidade de leitura e encontre mais prazer e motivo para desfrutá-la, melhorando sua capacidade intelectual e cognitiva. Dessa forma, apresentaremos a seguir uma proposta pedagógica para a prática de leitura.

Nessa pesquisa, a prática de leitura foi desenvolvida por meio de um projeto, tendo como base as ideias anteriormente explicitadas. Nesse caso, podemos destacar algumas das estratégias de leitura que auxiliem alcançar os objetivos propostos no projeto. Entre as estratégias, temos: leitura direcionada, em que o aluno lerá o texto com um objetivo previamente definido; fazer uma primeira leitura do texto; refazer essa leitura, de maneira, mais detalhada para que o leitor se torne íntimo do texto que está lendo; fazer predições sobre o texto (antes, durante e depois da leitura); anotar as palavras desconhecidas, as quais deverão ser pesquisadas no dicionário para compreender o seu significado literal e o entendimento do sentido daquela palavra no texto. Esses critérios se fazem necessários para o alcance de uma leitura proficiente.

A realização da “Oficina ler para valer” teve a intenção de oportunizar aos educandos condições para que pudessem descobrir que a leitura traz prazer e emoção para aquele que lê. Nessa perspectiva, o projeto foi fundamentado no aprimoramento das habilidades de leitura e expressão como passo fundamental para a busca do conhecimento e para o desenvolvimento de outras habilidades que propiciem a atuação construtiva do indivíduo na sociedade democrática.

Esse projeto foi proposto para a turma do 8º ano “A” do II ciclo do Ensino Fundamental da Escola Municipal Aristóteles Emiliano de Castro, no município de Igarapé-Miri/Pa.

A princípio, para verificar a opinião dos alunos e professores a respeito da leitura, foi realizada uma pesquisa nessa turma antecedendo a aplicação da oficina. Porém, os questionários entregues aos professores da turma, não foram devolvidos por estes. Quanto aos alunos, o assunto foi abordado por meio de uma conversa informal e da aplicação de um questionário.

A turma foi indagada sobre a importância de saber ler. O aluno 1 comentou: “a pessoa deve saber ler para entender melhor as coisas”; o aluno 2 se posicionou: “é importante para saber falar as palavras corretamente”; houve ainda o comentário da aluna 3: “a gente tem de aprender a ler para saber nossos direitos”; o aluno 4 comentou: “é importante saber ler para ter oportunidade de emprego”. Analisando as opiniões dos alunos, percebemos que eles, de certo modo, compreendem a leitura como uma habilidade essencial na vida do ser humano.

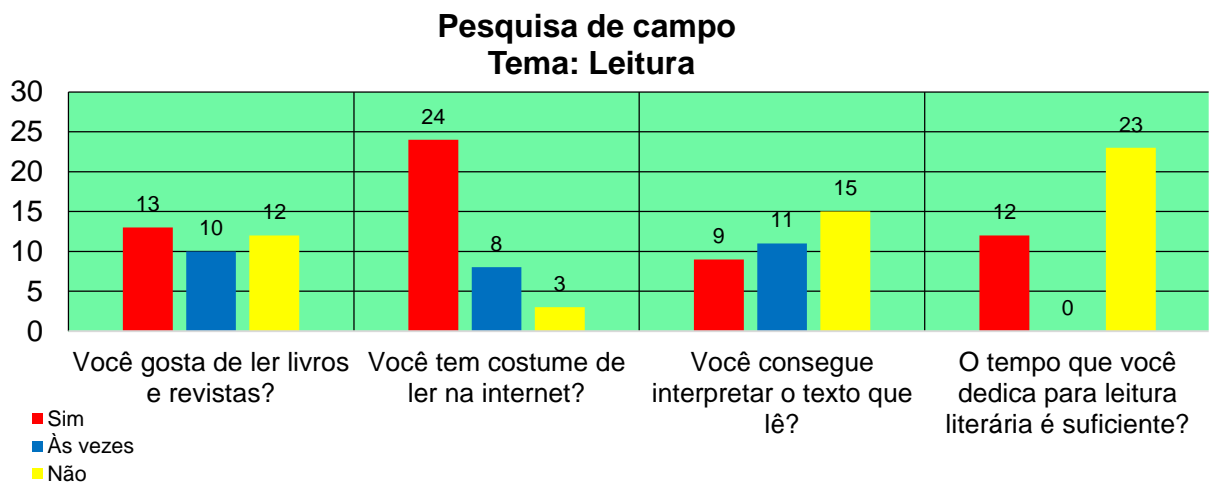
Na aplicação do questionário obtivemos as respostas de acordo com as perguntas sugeridas.

Na pergunta: Você gosta de ler livros e revistas? 13 alunos responderam “sim”, 10 alunos “às vezes”, 12 alunos disseram “não gostar”;

Na pergunta: Você tem costume de ler na internet? 24 alunos responderam “sim”, 08 responderam “às vezes”, 03 responderam “não”;

Na pergunta: Você consegue interpretar o texto que lê? 09 alunos responderam “sim”, 11 alunos afirmaram que às vezes conseguem fazer a interpretação, outros 15 educandos disseram que não sabem interpretar o que leem;

Na questão: O tempo que você dedica à leitura de textos literários é suficiente? 12 afirmaram “sim”, porém, 23 alunos responderam “não”.



Quanto à pergunta: Qual a importância da leitura na vida do ser humano? Todos afirmaram ser a leitura muito importante para a vida da pessoa. Contudo, o aluno 1 respondeu: “com a leitura, a gente ganha mais conhecimento”; a aluna 2 afirmou: “lendo e escrevendo, a gente tem mais oportunidade”; teve ainda o aluno 3 que também se posicionou: “ler é bom para adquirir conhecimento; a aluna 4

afirmou: “saber ler é importante para o aprendizado”; e a aluna 5 respondeu: “a leitura leva a gente a um mundo diferente e nos dá conhecimento”.

Na alternativa: O que a leitura desenvolve na pessoa? A maioria dos alunos não soube responder. Todavia, a aluna 6 escreveu “a leitura melhora o pensamento da pessoa, que compreende melhor as coisas e passa a pensar melhor”; a aluna 7 fez a seguinte declaração “a leitura faz a gente fazer as coisas com mais responsabilidade e querer um mundo melhor”.

A respeito da biblioteca da escola, tivemos a opinião de vários alunos que declararam gostar de visitar para ler alguns livros, porém, encontram muita dificuldade. A maioria declarou que a sala fica por muito tempo fechada – a responsável é uma professora idosa e doente. A escola não desenvolve nenhum projeto de leitura. Além disso, não há computadores e nem internet para realização de pesquisa. É uma sala pequena, muito desorganizada, localizada no final do corredor, sem ventilação e cheia de mofo, não oferecendo condições para pesquisa. Disseram que a sala serve mais para guardar instrumentos da banda e caixas de livros didáticos antigos. Isso faz com que os alunos se sintam ainda mais desestimulados.

Tomando como base as respostas dos alunos, foi aberto um debate informal sobre a importância da leitura para a nossa vida, possibilitando que os alunos compreendessem que, para se tornar um leitor proficiente, é necessário praticar a leitura continuamente. De acordo com o que foi exposto, compreende-se que os alunos têm um determinado entendimento sobre a importância da leitura para a vida. No entanto, há necessidade de que eles sejam incentivados para que desenvolvam habilidades que estimulem o interesse pela leitura.

De posse dessas informações, produziu-se a proposta de um projeto para a prática de leitura a ser desenvolvido nessa turma. Com isso, objetiva-se que os alunos despertem o gosto pela leitura.

Para alcançar esse objetivo, se propôs através da oficina proporcionar uma leitura mais abrangente, utilizando como recurso didático obras literárias, tendo em vista promover a livre expressão de ideias e a interação de conhecimentos.

A aplicação da oficina foi em um período de dois (02) meses, dividido em treze (13) encontros de 1h30min. Para a prática de leitura, foram utilizados os livros: *Os meninos da Rua da Praia*, de Sergio Capparelli; *O vestido rasgado*, de Luís Fernando Pereira e *Tchau*, de Lygia Bojunga Nunes.

## Quadro demonstrativo de atividades

Data	Assunto abordado	Atividade aplicadas
05/06	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Início da aplicação da oficina: verificação das expectativas dos alunos em relação à oficina.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Roda de conversa;</li> <li>- Apresentação do vídeo: A menina que odiava livros;</li> <li>- Análise do vídeo;</li> <li>- Reflexão;</li> <li>- Divisão dos grupos de trabalho.</li> </ul>
08/06	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estratégias de leitura;</li> <li>• Temas para leitura.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividade escrita e dialogada;</li> <li>- Escolha dos livros;</li> <li>- Debate sobre os livros escolhidos.</li> </ul>
12/06	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura das obras “Os meninos da Rua da Praia” e “O vestido rasgado”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura compartilhada e orientada;</li> <li>- Pesquisa no dicionário;</li> <li>- Reflexão sobre o sentido das palavras pesquisadas naquele texto.</li> </ul>
15/06	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura das obras;</li> <li>• Filme “Sempre amigos”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura compartilhada;</li> <li>- Exposição do filme “Sempre amigos”;</li> <li>- Análise e interpretação do filme;</li> <li>- Conversa sobre a importância da colaboração no trabalho coletivo.</li> </ul>
19/06	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura das obras.</li> <li>• Análise da obra “O vestido rasgado” de Luís Fernando Pereira.</li> <li>• Tema: Discriminação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura compartilhada e orientada.</li> <li>- Interpretação oral;</li> <li>- Debate informal;</li> <li>- Produção textual.</li> </ul>
22/06	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise da obra “Os meninos da Rua da Praia” de Sergio Capparelli.</li> <li>• Tema: Pobreza.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Releitura da obra;</li> <li>- Análise e interpretação da obra;</li> <li>- Debate informal sobre o tema.</li> <li>- Produção de cartaz;</li> <li>- Produção de um texto de opinião.</li> </ul>
26/06	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação dos grupos de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Seminário comentado;</li> <li>- Debate informal: análise da linguagem</li> </ul>

	trabalho; <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Os meninos da Rua da Praia”.</li> <li>• Linguagem usada no texto.</li> </ul>	utilizada pelo autor na história.
07/08	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Música “Pivete” de Chico Buarque de Holanda.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escuta e análise da música “Pivete”, de Chico Buarque de Holanda;</li> <li>- Reflexão da realidade retratada na música comparando com a realidade dos pequenos infratores na sociedade atual.</li> </ul>
10/08	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Música “Pivete” de Chico Buarque de Holanda e “Os meninos da Rua da Praia”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividade oral: análise comparativa entre a música “Pivete” e o conto “Os meninos da Rua da Praia”;</li> <li>- Produção de texto de opinião, com o tema “Menor abandonado”.</li> </ul>
14/08	Conto O bife e a pipoca, de Lygia Bojunga Nunes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura individual;</li> <li>- Análise comparativa das atitudes dos personagens protagonistas.</li> </ul>
17/08	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalhando com o “Conto O bife e a pipoca”;</li> <li>• Gênero: carta.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Produção textual: produção de uma carta a um amigo.</li> <li>- Trabalho de grupo: organização do material para apresentação do Sarau Literário.</li> </ul>
21/08	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Culminância.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sarau Literário: apresentação dos trabalhos organizados pelas equipes.</li> </ul>
24/08	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Debate: opiniões sobre as atividades desenvolvidas e o desempenho dos alunos.</li> </ul>

No primeiro encontro, por meio de uma roda de conversa, verificamos as expectativas dos alunos em relação à aplicação da oficina. Para isso, perguntamos: Quais as expectativas sobre a oficina? O aluno 1 se posicionou dizendo: “eu acho que esse projeto vai ser diferente das outras aulas que a gente lê para completar as questões”.

A aluna 2 disse “eu espero que seja diferente da aula de todo dia”. Outros alunos se demonstraram curiosos e ansiosos pelas atividades.

Em um segundo momento, atendendo às expectativas dos alunos, foi passado o vídeo “A menina que odiava livros”, como forma de incentivá-los a descobrir o prazer de ler. Em sequência, foi feita uma reflexão sobre a história contada no vídeo e sobre o quanto é importante a leitura literária.

Diante dessa atividade, o aluno 1 comentou: “leio pouco, porque quando estou lendo sinto muito sono”.

A aluna 2 também se posicionou com a seguinte análise: “a história contada no vídeo é bem legal. Quando eu leio uma história, eu começo me ver como uma personagem da história”.

O aluno 3 expôs: “acho que é muito pouco o tempo que dedico para ler, esse vídeo me fez entender que depende muito da imaginação e força de vontade da pessoa”.

Nesse contexto, foi importante a interação com os alunos, analisando que a leitura tem o poder de nos acalmar e também dar condições para que possamos nos articular com outros conhecimentos e informações que estão a nossa volta.

A partir dessa reflexão, analisamos que a falta de interesse pela leitura se dá em consequência da ausência de incentivo e orientação a esses leitores iniciantes. A escola, responsável por fomentar essa prática, tem encontrado dificuldades em promover condições para a formação de leitores competentes. Entendemos que para ser possível instigar o gosto pela leitura na criança e no adolescente, é importante que além do contato com a leitura, ela também tenha contato com pessoas que a estimulem. No caso da escola, pode ser o professor, o profissional que trabalha na biblioteca, entre outros.

No terceiro momento, a turma foi dividida em cinco grupos de sete alunos para a realização das atividades no decorrer da oficina, encerrando esse primeiro encontro.

No segundo encontro, foi proposta à turma uma atividade escrita e dialogada, orientando-os sobre as estratégias utilizadas no processo de leitura. Os alunos fizeram as anotações no diário de bordo e aproveitaram para tirar suas dúvidas a respeito do assunto. No segundo momento, foram oferecidos livros literários que tratavam de vários temas e os alunos escolheram os assuntos que mais chamaram a atenção deles.

Após as equipes terem feito a escolha os livros, foi promovido um debate informal sobre o que os levou a optarem por tais livros. Nessa atividade, a aluna 1 disse que sugeriu a equipe escolher o conto “Os meninos da Rua da Paia, porque o desenho da capa mostra meninos vendendo jornal, eles estão trabalhando e parecem ser pobres”.

O aluno 2 também comentou: “nós escolhemos a história O vestido rasgado, parece ser interessante”.

Quanto a essa atividade, os alunos se expressaram de forma bem descontraída, porém, foi possível perceber que os leitores iniciantes se interessam por uma obra quando conseguem fazer uma leitura prévia através do título do livro ou imagens que detalham tal história. Isso prova que os livros podem atrair, sim, a atenção desse indivíduo. Assim, cabe à escola fornecer boas condições de trabalho para o desenvolvimento da leitura.

No terceiro encontro, foi proposto que as equipes iniciassem a leitura das obras “Os meninos da Rua da Praia” e “O vestido rasgado” usando as estratégias de leitura, de forma que tornassem essa leitura efetiva, para depois expô-la para turma comparando-as com outras leituras realizadas pelos demais alunos.

No quarto encontro, foi proposto que os alunos continuassem a leitura das obras. Porém, no decorrer da atividade, notou-se que alguns alunos se encontravam desatentos, não estavam participando da atividade. Em consequência a esse fato, foi dada uma pausa nessa atividade. Então, se aplicou outra atividade, a exposição do filme “Sempre amigos”, trabalhando o tema solidariedade, fator importante para a convivência em sociedade. Em seguida, foi feita a análise do filme, proporcionando uma reflexão sobre as diferenças. Os alunos foram induzidos a perceber que as pessoas são diferentes umas das outras, seja na cor, na raça, na aptidão, no raciocínio, entre outras diferenças, porém, o respeito é uma das regras para se viver em sociedade. Outra questão abordada foi a importância da cooperação entre as pessoas de um determinado grupo social.

No quinto encontro, os alunos concluíram a leitura das obras iniciadas em encontro anterior. Depois, foi promovido um debate informal sobre o tema “discriminação” abordado no livro “O vestido rasgado”, de Luís Fernando Pereira, que conta a história de uma menina muito pobre que, ao consertar o único vestido que possuía com um tecido de cor diferente, foi discriminada e maltratada pelos

coleguinhas na escola. A menina ficou muito triste, sendo consolada por sua mãe ao voltar para casa.

Na análise dessa história, aproveitamos para discutir sobre tema discriminação. Os alunos demonstraram interesse pelo assunto. Portanto, buscou proporcionar uma reflexão de que a arte literária pode ser uma imitação da realidade, isto é, às vezes uma história fictícia pode abordar temas da própria realidade.

Nesse contexto discursivo, os alunos frisaram uma questão muito séria nos dias atuais, o preconceito.

O aluno 1 se posicionou sobre o assunto dizendo: “hoje o preconceito é chamado de bullying, às vezes as pessoas chegam até matar, até na escola a gente sofre discriminação”. Tomando como base a ideia desse aluno, fizemos uma reflexão sobre como o descaso das autoridades nessa questão só faz o problema piorar, porém, avaliamos que nós podemos contribuir para reverter esse quadro. A classe foi incentivada a pensar e sugerir ações que possam dar um efeito positivo nessa situação.

O aluno 2 sugeriu: “Podemos começar por nós, respeitando nossos coleguinhas”.

O aluno 3 também se referiu sobre o assunto: “nós podemos conversar com os colegas quando estiverem caçoando um outro, porque eu vejo que até na nossa sala acontece às vezes”.

A aluna 4 também se posicionou: “Podemos fazer uma campanha de conscientização contra a discriminação, começando pela escola. É que às vezes acontecem essas coisas até mesmo com a gente”.

A partir desse entendimento, discutimos que com simples ideias podemos contribuir para melhorar o meio em que vivemos. A função da literatura é fazer com que o indivíduo reflita sobre suas ações e, a partir de novas ideias, tome iniciativas que contribuam para a sociedade.

Ainda nesse encontro, os alunos produziram um panfleto de conscientização sobre o tema “discriminação”, para distribuição na escola.

No sexto encontro, em um primeiro momento, os alunos fizeram a distribuição dos panfletos nas outras salas de aula. Ao retornarem para a sala de aula, a turma analisou a obra “Os meninos da Rua da Praia”, de Sergio Capparelli, que aborda o tema trabalho infantil. Inicialmente, foi feita uma releitura compartilhada da história. Em seguida, através de um diálogo informal, os alunos tiveram uma

melhor compreensão do tema tratado, em que o autor mostra o valor da amizade e do companheirismo, ao mesmo tempo em que põe às claras os desajustes sociais e a miséria que cercam grande parte dos brasileiros. A história gira em torno de uma tartaruginha que foi roubada de sua ilha de origem e Tiziu, Socó e Tonho, três meninos jornalheiros que encontraram o animalzinho nas ruas de Porto Alegre. Os meninos trabalham o dia inteiro para ajudar a família a sobreviver, enquanto deixam o estudo de lado.

Em uma roda de conversa, foi perguntado aos alunos se na leitura que fizeram conseguiram perceber se os meninos da Rua da Praia estudavam.

A aluna 7 explicou que achava que eles não iam para a escola porque trabalhavam o dia inteiro e eram pequenos para estudar à noite.

Sobre esse assunto, a aluna 8 disse: “A história conta que eles não sabiam ler, então, é claro que não estudavam”.

Os alunos perceberam no debate que os personagens da história tinham o desejo de estudar, visto que esses personagens ficavam manuseando o jornal, fazendo uma leitura de faz de conta.

A equipe 1 escreveu: “a história conta que os meninos da Rua da Praia tinham vontade de saber o que estava escrito nos jornais, aí eles ficavam tristes, eles não sabiam ler”.

Seguindo o pensamento dos alunos, foi feita uma reflexão sobre o quanto o problema da pobreza tem deixado milhares de crianças sem oportunidade de estudar. Porém, esse não é o único causador da falta de educação para todos. A questão gira em torno principalmente da falta de compromisso de nossos governantes de promover uma política educacional que abranja de forma geral as pessoas que dela precisem.

No terceiro momento, como atividade paralela, foi produzido um cartaz no qual os alunos desenharam uma nova realidade para os principais personagens das histórias.

Na atividade extraclasse, foi proposta às equipes a produção de um texto de opinião sobre se os problemas sofridos pelos personagens das duas histórias foram provocados pelos mesmos fatores.

Ao iniciar o sétimo encontro, foi verificado que somente três equipes produziram o texto da atividade extraclasse. Foi oportunizado que essas equipes fizessem a leitura dos textos. Observou-se que, no entendimento dos alunos, a

realidade da menina se compara com a dos meninos jornaleiros. Eram de famílias muito pobres, que lutavam para sobreviverem. Os alunos perceberam também o quanto a história se compara com a vida de muitas crianças que não têm casa para morar, não estudam, não têm comida, nem brinquedo.

Esse momento de questionamento fazendo a comparação entre as histórias lidas e a relação que destas com a realidade amplia o horizonte de expectativas desses educandos. A turma teve a possibilidade de compreender que problemas sociais que as histórias abordam existem na vida real e houve um aumento na dimensão da questão, sem que uma solução fosse definida.

No segundo momento, a atividade aplicada foi a análise da linguagem usada pelo autor do conto “Os meninos da Rua da Praia”. A turma percebeu que a fala dos personagens caracteriza o dialeto de uma determinada região, porém, o autor focaliza a fala peculiar de pessoas sem instruções de leitura. Essa atividade foi proposta para que os alunos tivessem uma compreensão mais abrangente do texto, melhorando sua competência de leitura. Do mesmo modo, puderam compreender que a fala depende do grupo social a que aquele indivíduo pertence.

Nesse encontro, encerrou-se a primeira etapa dessa oficina. Houve a aplicação das avaliações e, sequentemente, as férias.

Iniciando a segunda etapa do projeto, foi promovido o oitavo encontro. Partimos do ponto que paramos para que fosse resgatada na memória a compreensão do que foi discutido anteriormente. Atendendo ao horizonte de expectativas dos alunos, foi trabalhada a música “Pivete”, de Chico Buarque de Holanda. Primeiramente, os alunos ouviram a música para, em seguida, analisá-la oralmente, de forma coletiva.

Dessa forma, os alunos puderam compreender que a música “Pivete” trata também do menor que luta para sobreviver e que, por estar desprotegido na rua, acaba se envolvendo com a criminalidade.

A partir dessa discussão inicial, os alunos fizeram a comparação da realidade retratada na música pela arte literária com a realidade atual dos menores infratores da nossa sociedade. Assim, foi proporcionada aos alunos uma visão da realidade. Percebeu-se que, devido à falta de atitudes das autoridades, a violência e a criminalidade só tendem a aumentar.

No nono encontro, foi feita uma análise comparativa entre a música “Pivete” e o conto “Os meninos da Rua da Praia”. Verificou-se que o abandono das crianças

pelos pais faz com que os filhos acabem buscando na rua uma forma de sobrevivência e passem a conviver próximo da criminalidade, tendo grande possibilidade de se envolver no mundo do crime. Após esse estudo, percebeu-se que a miséria é um dos motivos que leva o menor à marginalidade, além da discriminação que ele sofre. Assim, solicitou-se para que os alunos produzissem um texto dando sua opinião sobre o tema “menor abandonado”.

No décimo encontro, foi oferecido aos alunos o conto “O bife e a pipoca”, de Lygia Bojunga Nunes. Esse conto trata de duas crianças de classes sociais diferentes: uma da classe alta, moradora de um prédio chique, e outra da classe baixa, moradora da favela. No entanto, fazem uma grande amizade, embora vivam em realidades diferentes.

Isso é narrado pela autora mostrando as diferenças sociais entre elas, enfocando a triste realidade miserável da criança pobre e o valor dado às coisas supérfluas pela criança rica. Esse contraponto sugere aos leitores refletir sobre a possibilidade de crianças como Rodrigo e Tuca, protagonistas do conto, terem uma relação de amizade e superar barreiras preconceituosas que a sociedade impõe.

Primeiro, os alunos fizeram uma leitura individual. Em seguida, foi aberto um debate se fazendo uma análise comparativa das atitudes dos personagens protagonistas do texto, enfocando a relação das crianças com outras de classes sociais diferentes. Os alunos puderam perceber que, embora as crianças sejam de classes sociais diferentes, elas têm os mesmos desejos, os mesmos comportamentos, as mesmas brincadeiras.

Décimo primeiro encontro: como o conto “O bife e a pipoca” é escrito com trechos de cartas que Rodrigo envia para outro amigo Guilherme, contando as novidades depois que seu amigo se mudou foi solicitado aos alunos que escrevessem uma carta a um colega, comentando o conto lido na aula, fazendo considerações a respeito da questão da exclusão social e das diferenças entre as classes sociais. Em um segundo momento, se propôs que os alunos organizassem algumas atividades como: peça teatral, jogral, recitação, entre outras atividades, para serem apresentadas em um sarau literário como conclusão da oficina.

No décimo segundo encontro, foi realizado um Sarau Literário, encerrando o projeto. Os alunos organizaram suas apresentações utilizando os textos trabalhados e abarcando as discussões realizadas durante a oficina.

No décimo terceiro encontro, foi promovido uma discussão para avaliar tanto, a aplicação do projeto, quanto o desempenho dos alunos nas atividades. Os alunos comentaram sobre o desenvolvimento da oficina, falaram também sobre o seu desempenho nas atividades, as dificuldades na compreensão do texto lido e as estratégias utilizadas para vencê-las. Vejamos algumas opiniões:

Aluno 1: “Eu gostei na oficina a maneira que nós lemos as histórias, foi de uma forma bem detalhada. Assim, a gente conseguiu entender e refletir sobre várias coisas que acontecem no mundo. As atividades sobre os textos, também foram bem interessantes, não ficou igual a aula de todo dia com apostilas e só responder os questionários”;

Aluno 2: “Eu considero bem positivo, o que eu aprendi com a leitura desses livros, as histórias são bem interessantes, faz a gente imaginar muitas coisas. Isso é muito bom. Vou procurar ler mais esses livros de histórias de ficção.

Dessa forma, foi proporcionado ao aluno o contato com variadas leituras e, depois, se abriu espaço para posicionamentos, comentários e discussões acerca do que foi lido. Dessa maneira, foi instigado no aluno o gosto pela leitura, já que os indivíduos precisam, nesse contexto informacional de conhecimento, saber como escolher melhor a informação que desejam.

Conclui-se destacando a importância que o professor tem no incentivo para a formação do leitor, já que é o principal mediador entre aluno e leitura no ambiente escolar. No entanto, é necessário levar em consideração também as condições de infraestrutura e materiais que a escola fornece para o trabalho com a leitura.

## CONCLUSÃO

A prática da leitura é importante para a formação do indivíduo, devendo fazer parte da vida de todos para que seja possível a interpretação de mundo.

Portanto, deve ser realizada com prazer para que propicie ao leitor o interesse em ler cada vez melhor. Nesse processo, a escola possui papel relevante para que haja a ampliação do ato de ler iniciado no ambiente familiar. Assim, tanto a família quanto a escola devem se conscientizar que a leitura é um processo contínuo que se inicia na educação informal (no lar) e se prorroga por toda a vida.

Nesse propósito, o projeto debruçou-se no interesse em demonstrar a importância dos textos literários para a ampliação do saber, a fim de contribuir para a compreensão de leitura e escrita dos alunos no espaço escolar.

Não consideramos os resultados de nosso trabalho satisfatórios, mas sim produtivos naquilo que os alunos conseguiram aprender. Gostaríamos de alcançar resultados ideais, porém o curto tempo de duração da oficina comprometeu em parte nosso desempenho.

No entanto, ainda que não alcancemos resultados tão significativos do ponto de vista da proposta de nossa pesquisa, vale mencionar algumas questões que demonstraram os efeitos de nosso trabalho. Consideramos um passo importante acerca da ideia de contribuições para o ensino.

Constatamos que os alunos compreenderam o ponto de partida para uma leitura compreensiva, passando a conceber a leitura a partir de um contato mais intimista com os textos literários. Desse modo, entendemos que foram atendidas as expectativas quanto ao projeto proposto.

As atividades aplicadas, ainda que em um período muito curto, possibilitaram-nos enxergar a realidade dos alunos e identificar seus anseios acerca de melhorias para o ensino.

Com os resultados obtidos nessa pesquisa, sinto-me melhor preparada para contribuir no ensino aprendizagem de nossos alunos. Por fim, esse trabalho nos fez compreender que somente renovando nossas práticas de professor conseguiremos contribuir para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis, capazes de exercer seu papel na sociedade em que vivemos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria do Socorro. Literatura e Ensino: perspectivas metodológicas. Revista Científica da FACETE - Rios Eletrônica. Bahia, 2014.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção*. São Paulo. Perspectiva. 1972.
- CANDIDO, Antonio. *O direito a literatura; O esquema de machado de Assis*. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil*. São Paulo. Moderna, 1997.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil*. São Paulo. Moderna, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KLEIMAN, Ângela B. *Oficina de Leitura – Teoria e Prática*. Campinas, SP: Pontes, 2016.
- LAJOLO, Mariza e Regina Zilberman. *A Formação da Leitura no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2011. <http://www.editoraatica.com.br>. Visualizado 16/05/2018.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Schwarc's. Ltda, 2001.
- MERMELSTEIN, Mirian. *Sobre o gosto de leitura na escola*. Centro de referências em Educação. 2004.
- MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. *Leitura e escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- ROSENFELD, Anatol, Antonio Candido, Decio de Almeida e Paulo Emílio. *A Personagem de Ficção*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- ROSSINI, Maria Augusta Sanches. *Aprender tem que ser gostoso*. Editora Vozes, 2ª Edição.
- SILVA, Ezequiel Theodoro. *Leitura na escola e na biblioteca 2ª Ed*. Campinas, SP: Parirus. 1986.
- SOARES, Márgda. *Letramento - Um tema em Três Gêneros*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 1998. <HTTPS://www.scribd.com/doc/.../SOARES-M-Letramento-um-tema-em-tres-generos>, acessado em 20/07/2018.
- SOARES, Magda. *Comunicação e expressão: O ensino da leitura*. In: ABREU, Márcia. (Org.). *Leitura no Brasil: antologia comemorativa pelo 10.º COLE*. Campinas – SP: Mercado Aberto, 1995.
- VARGAS, Suzana. *Leitura uma aprendizagem de prazer*. Rio de Janeiro. José Olympo, 2000.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1987. <https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2947/211>, acessado em 10/03/18.
- ZILBERMAN, Regina. *A Leitura e o ensino de Literatura*, 1988.
- ZILBERMAN, Regina. *Leitura literária e outras leituras*. In: *Leitura-práticas, impressos, letramentos*. (Org.) BATISTA, Antônio Augusto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- ZILBERMAN, Regina. *O papel da literatura na escola*. Via Atlântica N° 14. Dezembro/2008.
- ZILBERMAN, Regina; ROSING, T. M. K. (org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

**ANEXO I**

Música "Pivete"  
Chico Buarque

No sinal fechado  
Ele vende chiclete  
Capricha na flanela  
E se chama Pelé  
Pinta na janela  
Batalha algum trocado  
Aponta um canivete  
E até  
Dobra a Carioca, olerê  
Desce a Frei Caneca, olará  
Se manda pra Tijuca  
Sobe o Borel  
Meio se maloca  
Agita numa boca  
Descola uma mutuca  
E um papel  
Sonha aquela mina, olerê  
Prancha, parafina, olará  
Dorme gente fina  
Acorda pinel

Zanza na sarjeta  
Fatura uma besteira  
E tem as pernas tortas  
E se chama Mané  
Arromba uma porta  
Faz ligação direta  
Engata uma primeira  
E até  
Dobra a Carioca, olerê  
Desce a Frei Caneca, olará  
Se manda pra Tijuca  
Na contramão  
Dança pára-lama  
Já era...

**ANEXO II****PESQUISA DE CAMPO****Tema: Leitura****Questionário**

1. Você gosta de ler livros ou revistas?

- Sim
- Às vezes
- Não

2. Você tem costume de ler na internet?

- Sim
- Às vezes
- Não

3. Você consegue interpretar o texto que ler?

- Sim
- Às vezes
- Não

4. O tempo que você dedica para a leitura literária é suficiente?

- Sim
- Às vezes
- Não

5. Qual a importância da leitura na vida do ser humano?

6. O que a leitura desenvolve na pessoa?